

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ALDEIA ALDEINHA (POVO TERENA) NO MUNICÍPIO DE ANASTÁCIO-MS

historical formation of the aldeia aldeinha (Terena people) in the municipality of Anastácio-MS

Formación histórica de la aldeia aldeinha (pueblo Terena) en el Municipio de Anastácio-MS

Reinaldo Paulo Rohdt
Mestrando do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: reinaldo_rohdt@hotmail.com

Vera Lúcia Ferreira Vargas
Doutora em História pela Universidade Federal
Fluminense.
Professora da Universidade Doutora em História
pela Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8422-6602>
E-mail: veraterena@gmail.com

Como citar este artigo:

ROHDT, Reinaldo Paulo & VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. Formação histórica da aldeia aldeinha (povo Terena) no Município de Anastácio-MS. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Jan/julho, Vol. I, n. 11, pgs. 98-113, 2023. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 11 (2023)
ISSN 2525-670X

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ALDEIA ALDEINHA (POVO TERENA) NO MUNICÍPIO DE ANASTÁCIO-MS

historical formation of the aldeia aldeinha (Terena people) in the municipality of Anastácio-MS

Formación histórica de la aldeia aldeinha (pueblo Terena) en el Municipio de Anastácio-MS

Resumo

Aqui apresentamos o processo de formação da comunidade indígena Terena do Município de Anastácio/MS, fundada no ano de 1933 e que recebeu o nome de Aldeia Aldeinha. Este trabalho foi realizado a partir de leituras sobre a história dos Terena e principalmente a partir dos registros orais realizados junto aos Terena da aldeia Aldeinha. Para isso, foi levado em consideração documentos originais, dissertações, relatos, entrevistas e depoimentos de membros fundadores dessa comunidade, a fim de se fazer um levantamento acerca da história e origem da formação da aldeia.

Palavras chaves: Comunidade Indígena, Aldeia, História Terena.

Abstract

Here we present the formation process of the Terena indigenous community in the Municipality of Anastácio/MS, founded in 1933 and which was named Aldeia Aldeinha. This work was carried out from readings about the history of the Terena and mainly from the oral records made with the Terena of the Aldeinha village. For this, original documents, dissertations, reports, interviews and testimonies of founding members of this community were taken into account, in order to make a survey about the history and origin of the formation of the village.

Keywords: Indigenous Community, Village, Terena History.

Resumen

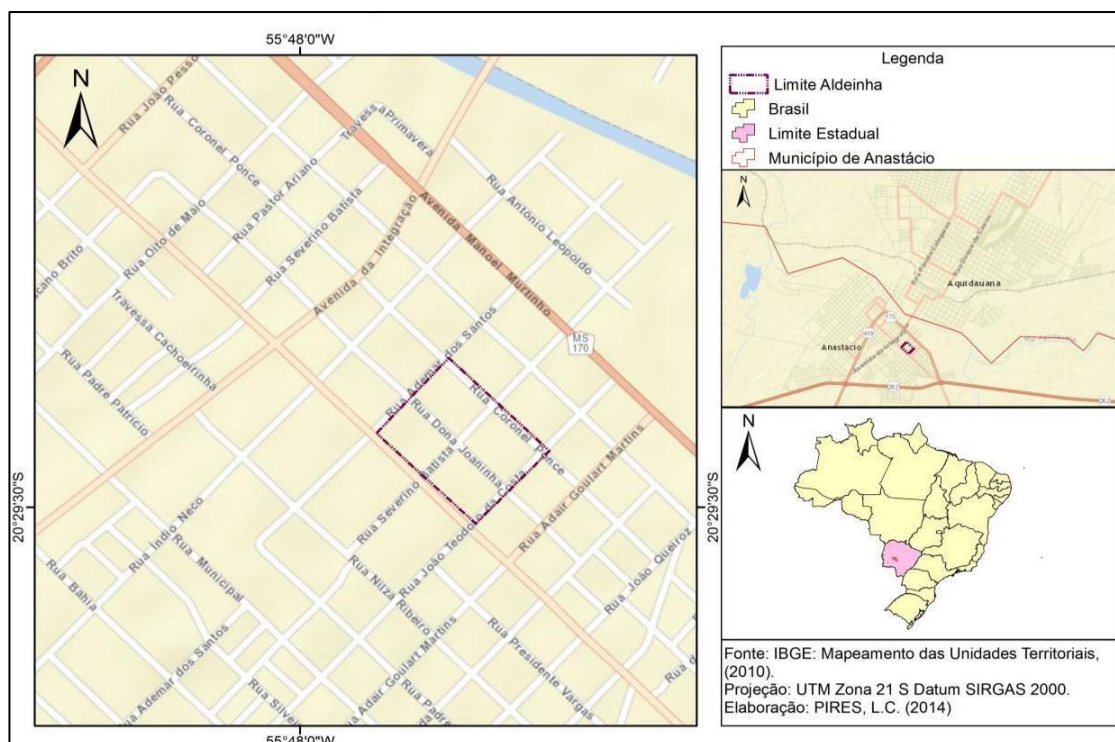
Aquí presentamos el proceso de formación de la comunidad indígena Terena en el Municipio de Anastácio/MS, fundada en 1933 y denominada Aldeia Aldeinha. Este trabajo fue realizado a partir de lecturas sobre la historia de los Terena y principalmente de los registros orales realizados con los Terena del pueblo de Aldeinha. Para ello se tomaron en cuenta documentos originales, disertaciones, informes, entrevistas y testimonios de miembros fundadores de esta comunidad, con el fin de realizar un levantamiento sobre la historia y origen de la formación del pueblo.

Palabras clave: Comunidad Indígena, Pueblo, Historia Terena.

INTRODUÇÃO

Para organizarmos este texto sobre a formação da aldeia Aldeinha, foi necessário recorrer aos textos escritos sobre os Terena, bem como realizar os registros da memória dos antigos moradores da aldeia Aldeinha por meio de entrevistas realizadas com as lideranças e os anciões na própria aldeia, que está localizada no meio urbano do município de Anastácio, a 127 km de Campo Grande, capital do MS. A aldeia em estudo, é formada por 448 pessoas, que se dividem em 124 famílias, habitando 96 residências em uma área de quatro hectares (SESAI/DSEI, 2014). Segue o mapa referente a seguir:

Mapa 01 - Mapa de localização Aldeia Aldeinha, Anastácio- MS



Fonte: (apud, PIRES, 2015, p. 78)

Em razão da minha origem indígena e por viver um período de tempo fora da aldeia e, recentemente, retornar as relações com os Terena da Aldeia Aldeinha de Anastácio; por conviver com algumas lideranças e com pessoas mais velhas que vivenciaram a trajetória da formação da Aldeinha e também com a acessibilidade aos documentos que me permitiram desenvolver essa pesquisa

Reinaldo Paulo Rohdt e Vera Lúcia Ferreira Vargas



Foram realizadas leituras de pesquisas já existentes no que se refere à construção da aldeia Aldeinha de Anastácio, que tem por objetivo compreender o processo de formação da aldeia Aldeinha. Especificamente, os trabalhos realizados por Roberto Cardoso de Oliveira (1976), Noêmia dos Santos Pereira Moura (1994), Sandra Cristina Souza (2009) e Edmundo Pires (2015).

Entre os inúmeros registros realizados sobre a história dos Terena, os autores mencionados acima informam sobre o processo de fundação da Aldeia Aldeinha.

As entrevistas que compõem esse trabalho foram realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa e foram fundamentais para a produção desse texto, por meio das informações obtidas junto aos entrevistados, registramos o processo de formação da Aldeinha.

Este artigo refere-se ao processo de formação da aldeia Aldeinha. Para desenvolver este texto, utilizamos os textos referentes à construção e formação da aldeia Aldeinha, tais textos nos mostra que os indígenas estavam dispersos em várias regiões e com a criação das reservas indígenas, todos que se encontravam dispersos, principalmente aqueles que trabalhavam nas fazendas fossem levados às reservas criadas pelo governo da época. A família “Jorge Delgado da Silva” (família fundadora de Aldeinha) que residia na Reserva Indígena de Buriti saiu em busca de um novo lugar para praticar a nova religião adotada por ela, com a saída da região de Buriti com destino a aldeia Bananal, a família se estabelece na margem esquerda do rio Aquidauana por que alguns familiares já estavam morando naquela região.

A formação da aldeinha

A aldeia Aldeinha, está localizada na área urbana do Município de Anastácio – MS, para isso utilizamos os registros escritos existentes sobre ela. Nesse sentido, as pesquisas realizadas por Roberto Cardoso de Oliveira (1976), por Noêmia dos Santos Pereira Moura (1994), por Sandra Cristina Souza (2009) e Edmundo Pires (2015).

Entre os registros realizados sobre a história dos Terena, os autores mencionados acima informam sobre o processo de organização da Aldeia Aldeinha, em seus trabalhos de pesquisas indicam que a maioria dos Terena trabalhavam em

fazendas da região, entre elas a fazenda Conceição, como demonstra Moura (1994, p. 04), “Os índios que trabalhavam na fazenda Conceição, de propriedade de seu Aureliano da Costa, mais conhecido como seu (manequinho), cuja mão de obra era essencialmente Terena, atenderam ao chamado governamental”.

O chamado do governo consistia na orientação aos indígenas para que esses voltassem para as reservas federais que estavam sendo criadas na década de 1910. Muitos dos trabalhadores indígenas da fazenda Conceição se dispersaram por várias regiões onde se encontrava as reservas indígenas, “Os trabalhadores indígenas da Fazenda Conceição distribuíram-se pelas reservas de Buriti, Limão Verde e Cachoeirinha” (MOURA, 1994), na busca por melhores condições de vida, os Terena estavam em constante trânsito para diferentes áreas, fazendas/reservas, reservas/fazendas, reservas/cidades, cidades/reservas, essa era uma característica comum apontada nos estudos realizados por Oliveira (1976), Vargas (2011).

Entre as contribuições realizadas por Oliveira (1976) constam os registros referentes à presença de algumas famílias de índios Terena que estavam agrupadas na margem esquerda do rio Aquidauana¹, assim:

Dentro da cidade de Aquidauana, em zona suburbana, vivem 39 famílias de índios Terena e mestiços, que constituem uma população de pouco menos de 250 indivíduos. Residentes a dois quilômetros da margem esquerda do rio Aquidauana, em terras por eles mesmos adquiridas, esses Terena são identificados como gente da Aldeinha. (OLIVEIRA, 1976, p. 85).

Essas informações registradas por Oliveira (1976) em relação aos primeiros indígenas que estavam no local, onde hoje, localiza-se a Aldeinha, foram registradas em seu diário de campo, publicado em forma de livro, intitulado “*Do Índio ao Bugre*”, informações baseadas em alguns depoimentos e relatos dos primeiros moradores do local como dos irmãos, Gregório Delgado da Silva (Neco), Sebastião Delgado e José Coureiro da Costa.

A formação inicial da Aldeinha se deu por conta da saída desses irmãos da aldeia Buriti² com destino à aldeia Bananal³, Moura (1994) explica que um dos motivos dos indígenas deixarem as terras de Buriti, foi devido a terem aderido uma nova

¹ Nome que era dado a cidade de Anastácio antes da emancipação do município que se deu no ano de 1965

² Localizada da região da cidade de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia-MS, atualmente compõe a Terra Indígena Buriti.

³ Localizada da região da cidade de Aquidauana-MS, atualmente compõe a Terra Indígena Taunay/Ipeque

religião o protestantismo, que diferia da religião dos Terena que lá residiam Segundo Pires (2015) levou a família “Jorge Delgado da Silva” composta pelos irmãos Gregório, Sebastião e Jose Coureiro a saírem da região do Buriti (hoje Terra Indígena Buriti), ao serem hostilizados pelos outros patrícios⁴⁵ por pertencer a outra religião. Situação que resultou na saída da família e que abriu mão do espaço que tinha na reserva e partiu em busca de um novo lugar onde o novo grupo de protestante pudesse se estabelecer e praticar a nova religião adotada por eles.

Segundo Pires (2015) a formação da Aldeinha se deu também devido aos laços afetivos e familiares entre os Terena. Os laços afetivos entre as famílias são muito presentes em seus costumes, sempre que podem estão pertos de parentes, principalmente dos mais velhos, sempre que podem estão perto de sua parentela.

Ainda segundo Pires (2015) não foi somente a questão religiosa o motivo da partida dos Terena para um novo lugar, foi também a presença de novas famílias que estavam vindo de outras regiões para a Reserva Buriti e muitas dessas famílias exerciam alguns papéis de lideranças, situação que gerou desconforto para algumas famílias, além disso, a submissão ao novo responsável pela reserva indígena, ou seja, o chefe de posto, cargo administrativo criado pelo governo, no início do século XX, assim:

A cisão é desencadeada pela conversão religiosa, mas o pano de fundo poderiam ser disputas políticas entre parentelas ou Troncos familiares assentados na Reserva. Nessa condição, os indígenas estariam submetidos ao poder tutelar do SPI, expresso na obrigação de seguir a orientação do chefe de posto e do líder indígena oficial (capitão) por ele escolhido. (PIRES, 2015 p. 44)

Situações como essas que resultaram em conflitos internos entre os grupos que ali viviam e que posteriormente formaram a aldeia, questões que resultaram nas saídas de uns e chegadas de outros. Contexto que propiciou a organização do grupo em outra localidade, nesse contexto na região que ficou conhecida como Aldeinha.

O fato de que José Coureiro era apadrinhado de um dos grandes proprietários de terra na região, foi o que facilitou para que os irmãos: Gregório, Sebastião e José Coureiro pudessem comprar seus 32 hectares onde está localizada atualmente a Vila Umbelina e Aldeinha como demonstra Pires (2015).

⁴ Patrício – vocábulo utilizado pelos Terena para identificar outra pessoa de sua etnia

Assim não estavam ocupando um território reservado pelo Estado Brasileiro, não se preocuparam em se organizar como reserva indígena, uma vez que saíram de Buriti. Naquele novo contexto eles eram os donos de terras, porém naquela conjuntura, não reivindicavam sua identidade étnica e cultural permanecendo-se ligados apenas pelos laços de parentescos e religiosos no qual predominava o protestantismo.

Inicialmente se constituíam e se reconheciam enquanto um coletivo indígena relacionado por laços de consanguinidades e afinidades religiosas, fato que os distinguia das coletividades indígenas aldeadas em terras da União, que estavam diretamente subordinados as normas e regras do Estado por estarem concentradas na figura do Chefe do Posto. (PIRES, 2015, p. 59 e 60).

Ainda nesse sentido, Oliveira (1976) mostrou também que foi através de recursos próprios que os Terena que viviam na margem esquerda adquiriram suas terras. Segundo Oliveira, sobre os Terena que se localizavam nesta região, encontravam-se em 39 famílias, um total de 211 pessoas, mais da metade não eram Terena puros, entre eles, mestiços, brancos e negros “purutuya”. “Esclareça-se aqui que “purutuya” é a designação em língua Terena do “civilizado”, seja ele branco ou preto, apesar deste termo ser neologismo aplicado inicialmente ao português” (OLIVEIRA, 1976, p. 82). Podemos hoje perceber que esta denominação é usada pelos Terena para identificar os não índios, Oliveira (1976) informou ainda que em Aldeinha:

Mais da metade de seus habitantes trabalhavam na cidade, isto é, têm ocupações de caráter urbano, enquanto a outra parte se divide em trabalhar na lavoura das fazendas e sítios circunvizinhos, ou, ainda, em seus próprios roçados. A exemplo de Limão Verde, e, naturalmente, em muito maior grau, serve Aldeinha de reserva de mão-de-obra doméstica: quase todas as moças da comunidade já foram empregadas nas casas de família da cidade e constantemente são procuradas na própria aldeia, com oferecimentos de emprego. (OLIVEIRA, 1976, p. 82).

Oliveira (1976) informou que esta comunidade, na década de 1970 não possuía escola tinha o edifício da igreja UNIEDAS (igreja protestante) que tinha como objetivo cumprir com a função de ser uma escola para as crianças, indígenas já que muitas delas frequentavam as escolas de Aquidauana, como mostra Oliveira (1976, p. 83),

Formação histórica da aldeia aldeinha (povo Terena) no Município de Anastácio-MS

As crianças de Aldeinha frequentam as Escolas Municipais de Aquidauana, embora preferissem estudar em sua própria comunidade, não só por causa da distância, como também pela dificuldade que tem em comprar uniformes e calçados; inúmeros são os casos de ausência às aulas por falta de vestimentas, conforme podemos presenciar quando de nossas visitas à comunidade.

Podemos então perceber a preocupação dos Terena em relação a existência de uma escola na comunidade, por causa das dificuldades que enfrentavam ao sair de sua aldeia devido as condições financeiras entre as famílias que ali se encontravam. Nessa perspectiva de mudanças, Oliveira pontuou também, a dificuldade de manter e ensinar a língua Terena observa que,

Quanto à língua, pode-se dizer que Aldeinha segue o exemplo das comunidades Terena que mais sofreram o processo de mudanças social, refletindo-se isso na perda do idioma tribal, gradativamente, a medida em que se sucedem as gerações. (OLIVEIRA, 1976, p. 83).

Segundo Pires (2015) o idioma deixado de lado por aqueles que foram convertidos ao protestantismo, ou ainda e principalmente devido as discriminações vivenciadas por eles, assim como também deixaram de lado alguns costumes tradicionais, por conta de uma nova identidade assumida por eles, muitos Terena deixaram de ensinar a língua materna para seus filhos, na tentativa de evitar as discriminações constantemente vivenciadas pelos mais velhos, bem como para serem aceitos na comunidade envolvente. Podemos observar que estas dificuldades levaram a algumas mudanças em certo comportamento dos mais jovens e conseqüentemente a perda gradativamente do seu idioma.

Portanto, essas experiências adquiridas pelos Troncos Terena fundadores da comunidade de Aldeinha, até a chegada à margem esquerda de Aquidauana foram fundamentais para perceberem que o contexto histórico que não era favorável à causa indígena, já que o preconceito e a discriminação produzidos pela política indigenista da época também não viam com bons olhos os índios na cidade, pois para o senso comum —lugar de índio é na aldeia. Tal situação muitas vezes obrigava o índio que queria conquistar seu espaço no —mundo dos brancos a omitirem ou até mesmo negarem sua identidade étnica para evitar ou minimizar a discriminação. (PIRES, 2015, p. 60).

Ações como essas exercidas pelos Terena tornaram-se comuns para eles, negar sua identidade étnica era uma maneira de se proteger dos preconceitos constantemente vivenciados por eles, também serem aceitos como trabalhadores nos

centros urbanos. Destacamos que essas ações praticadas pelos Terena foram necessárias para manterem sua sobrevivência, ou seja, entenderam os códigos estabelecidos pela sociedade envolvente e se apropriaram deles.

Segundo Moura (1994) havia também o grupo indígena que busca o seu reconhecimento étnico entre os que viviam na Aldeinha. Este grupo pensava em se fortalecer, por isso decidiu pelo agrupamento entorno das principais famílias que já estavam estabelecidas naquele local, onde hoje se encontra a comunidade de Aldeinha.

Ainda segundo a autora essa também foi a razão da redução do território indígena e conseqüentemente das suas mudanças culturais. Além disso, aponta também para o surgimento de um novo grupo que por ela foi denominado de “posseiros”. Esses também foram inseridos na área que pertenciam aos “herdeiros” por consanguinidade ou até mesmo por afinidades entre os Terena, que eram os proprietários das terras, podemos observar que o primeiro grupo que Moura denomina são os dos herdeiros e depois os dos posseiros.

O primeiro grupo dos “herdeiros” estava preocupado em exercer o papel de cidadão na comunidade envolvente. Nesse sentido Moura (1994, p. 16) afirma que: “O primeiro grupo, o dos fundadores e descendentes direto em linha hereditária, que possuíam a escrituração de toda a área, dividiu-se em lotes pela cidade em expansivo crescimento e buscaram conquistar os espaços sociais e exercer a cidadania anastaciana”.

Os herdeiros por serem donos das terras e terem o consentimento da sociedade envolvente, introduziram seus filhos a cultura dos não índios, porém:

Não deixaram de se considerar e serem considerados índios até porque os traços físicos são bem característicos a não ser nas últimas gerações onde as uniões interétnicas foram inúmeras. Aurélio Jorge, que é muito respeitado pelos cidadãos mais antigos do município tem muito orgulho em confirmar: “Eu sou índio, seu Joaquim, índio Tereno”. (MOURA, 1994, p. 16).

Para Moura (1994) os posseiros não foram invasores das terras, eles apenas possuíam a posse da mesma. Para Moura (1994) os “posseiros”, estão formados por aqueles índios que saíram de suas reservas e de alguma maneira foram seduzidos pela vida na cidade e atraídos pelo protestantismo para se fixarem em terras que não

Formação histórica da aldeia aldeinha (povo Terena) no Município de Anastácio-MS

lhes pertenciam e que posteriormente essas terras seriam vendidas pelos herdeiros, por isso, a necessidade de se organizarem e reivindicarem aquela área como aldeia.

Ainda nesse sentido, Pires (2015) aponta para a preocupação dos agregados, denominação que ele estabeleceu para identificar os antigos posseiros, assim:

Mediante à nova situação, os Terena agregados vão gradativamente perdendo os terrenos que ocupavam, uma vez que os herdeiros do índio Neco começam a se desfazer de parte de suas heranças. A comunidade de Aldeinha vai deixando de ser ocupada exclusivamente pelos índios Terena que, a partir de então, passam a conviver com os não-índios que também começam a habitar o lugar. (PIRES, 2015, p. 73).

Realidade que se tornava cada vez mais comum dentro da comunidade, devido as vendas dos lotes pelos seus herdeiros. Sandra Cristina Souza (2009) pontua através de entrevistas realizadas por ela, com alguns interlocutores Terena, que permanecem afirmando que já havia indígenas antes de 1933, naquele local, ou seja, antes mesmo do aldeamento estabelecido, muitos indígenas trabalhavam nas fazendas da região principalmente na Fazenda Conceição como já evidenciaram os demais autores aqui citados:

Segundo Sr. Flávio Silva, a população Terena já habitava a cidade de Anastácio antes de 1933, data recolhida por Oliveira (1958) através do depoimento de Gregório Delgado Silva, o Índio Neco, em 1958. Felicina da Silva Paulo, moradora do entorno da Aldeinha, comenta que várias famílias indígenas habitavam a Fazenda Conceição, de propriedade de Ovídio Costa, na região de Nioaque, antes da chamada do governo para que todos fossem morar nas aldeias. (SOUZA, 2009, p. 29).

Podemos observar na fala de Dona Felicina Silva Paulo, entrevista feita por Souza (apude SOUZA, 2008, p. 30) que:

Até meu sogro mesmo, Antonio Paulo, que se dizia Kinikinau, junto com a mulher dele, também Kinikinau moravam lá. Muito índio morava lá. Ali mesmo perto daquela mangueira hoje na beira da reta,⁷ era praticamente uma aldeia. Os índios trabalhavam na fazenda e viviam como em uma aldeia dentro da fazenda. Aí veio os soldados do governo e disseram para o pessoal ir pras aldeias, que o governo não queria índio fora da aldeia. Então meu tio Zé Coreiro, meu sogro, que ainda não era meu sogro e outros índios vieram e ficaram morando na margem esquerda. Essas terras aqui dizem que eram dos Coronéis, parentes desse Tico Ribeiro, que foi prefeito em Aquidauana, mas não sei. Só sei que quando meu pai veio de Buriti comprou as terras do irmão do Tico Ribeiro. Eu tenho a escritura aí. Meu pai veio pra cá de Buriti. Sabe, ele trabalhava em fazendas lá na região de Maracaju. Aí quando veio a lei de ir pras aldeias, ele foi pro Buriti. Ficou lá um pouco, depois que ele se

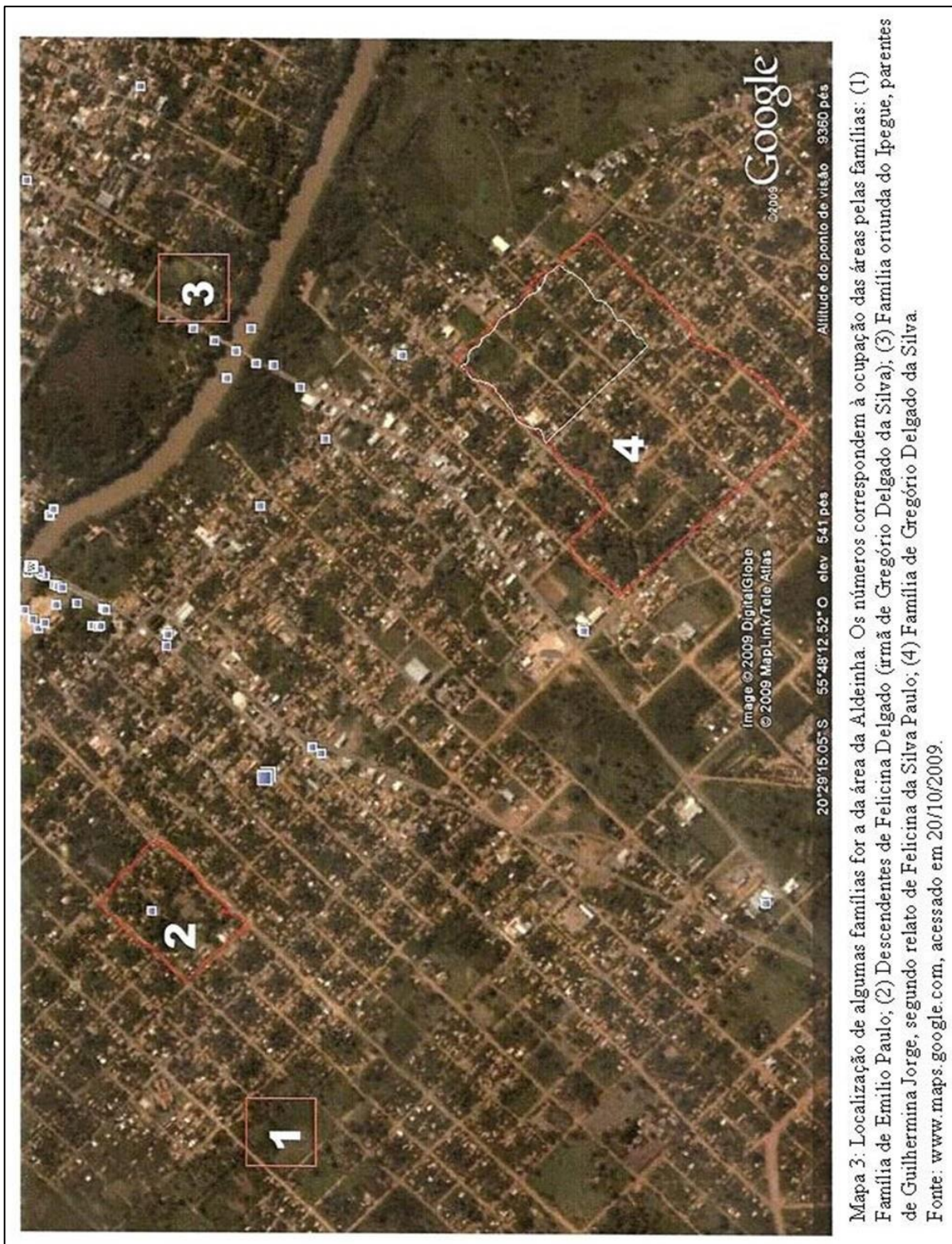
converteu,⁸ através do pessoal que foi de Bananal pra lá pregar o evangelho, ele não se deu com o povo de lá, e resolveu vir pro Bananal. No caminho, parou na Fazenda Monjolinho⁹ trabalhou um mês para ter dinheiro para chegar no Bananal. Mas quando ele chegou aqui, ele encontrou a irmã dele, Felicina, que tinha suas filhas era viúva e ficou muito contente de ver o irmão e a mãe, então pediu pra ele ficar. Aqui já tava também o tio Zé Coreiro, que era na verdade primo dele. A Felicina morava lá onde mora hoje dona Helena, pra lá da Rodoviária. Meu pai saiu do Buriti com 7 cavalos: eu vim em um, com minha vó Umbelina, no outro veio Guilhermina da Silva, que é o nome da escola hoje com o filho dela, Roso, no outro veio o Emiliano com a Jacinta, meus irmãos, no outro meu pai com minha mãe, e no outro veio o Aurélio Jorge. Ficou lá em Buriti minhas irmãs por parte de mãe: Justina e Jaci, que já eram casadas. A Justina veio depois, que ainda tem filhos aí, a Margarida e outros. Com a insistência da tia Felicina para ele ficar, ele então foi procurar comprar essas terras aqui. Mas já tinha muito índio aí, com terra 'aposseada'. Tia Felicina queria que ele ficasse porque fazia tempo que ela não via a mãe dela, minha vó, porque na época da recolha dos índios, ela foi pra aldeia do Brejão em Nioaque. Passou até fome lá, porque o marido dela morreu, então veio embora pra cá. Aqui tinha muito índio espalhado. Até do lado de lá do rio Aquidauana, perto de onde hoje é a ponte nova, tinha uma família do Ipegue, eram parentes da minha mãe, porque minha mãe era dolpegue. Ai foi pro Buriti e conheceu meu pai, e veio parar na Aldeinha: esses índios andam muito! (apud SOUZA, 2009, p. 30).

Podemos observar, então após a fala de Felicina que, em Anastácio, na época chamada Margem Esquerda, havia muitas famílias indígenas espalhadas, em diferentes regiões onde é hoje o município de Anastácio. Conforme o mapa a seguir, podemos ver onde se localizavam as famílias indígenas, as quais não pertenciam ao tronco da família Jorge Delgado da Silva como mencionado por Pires (2015).

Os números abaixo no mapa correspondem a localização das famílias que estão fora da área da aldeia Aldeinha.

Retomando as informações registradas por Pires (2015) quando o mesmo pontuou três contextos diferentes de tempo para pensar o processo de territorialização Terena na Aldeia Aldeinha, considerou em sua pesquisa o primeiro momento referente ao período de 1930 a 1965, correspondente à aquisição de 32 hectares de terras pelo índio José Coureiro; o segundo momento se refere ao período entre 1965, emancipação política de Anastácio até o ano de 1980, quando a cidade começa a se desenvolver e o terceiro momento corresponde ao período de 1980 a 2014, quando se inicia uma nova organização por parte dos Terena agregados que com o apoio de alguns dos descendentes dos antigos proprietários, organizam a Aldeinha no formato das demais aldeia Terena da região.

Mapa 02 - Localização das famílias que estão fora da área da aldeia Aldeinha



Fonte: (apud, SOUZA, 2009, p. 31).

Podemos perceber algumas informações que contribuíram para que Pires pudesse compreender o motivo dos primeiros troncos, fundadores da comunidade de Aldeinha em não reconhecê-la como aldeia, pois inicialmente era habitada somente pelos troncos de uma mesma família nuclear “Jorge Delgado da Silva”, situação histórica que os isentavam de toda e qualquer forma de agenciamento do Estado imposto pelo processo de territorialização, da forma como conheciam, uma vez que não estavam ocupando um território reservado pelo Estado brasileiro através das reservas indígenas como ocorrera quando estavam em Buriti, tampouco detinham a propriedade que agora ocupavam. Ou seja, a partir desse momento, esses indígenas passaram a exercer o papel de proprietários, porém nessa conjuntura não reivindicavam sua identidade étnica como podemos observar a seguir:

Inicialmente se constituíam e se reconheciam enquanto um coletivo indígena relacionado por laços de consanguinidades e afinidades religiosas, fato que os distinguia das coletividades indígenas aldeados e Terras da União, que estavam diretamente subordinadas as normas e regras do Estado por estarem concentradas na figura do chefe de posto. (PIRES, 2015, p. 59, 60).

Podemos observar no texto de Pires (2015) os processos de territorialização de Aldeinha, o autor pontua três, são eles:

Os primeiros processos de territorialização se deram pela saída da Fazenda Conceição atendendo à propaganda de atração do Serviço de Proteção ao Índio. O segundo foi motivado por conflitos político-religiosos dentro da Reserva Buriti que fizeram com que a família do índio Neco se deslocasse rumo à margem esquerda de Aquidauana, onde fundaram a comunidade de Aldeinha. O terceiro movimento de territorialização será motivado pela urbanização do município de Anastácio que nasceu englobando a comunidade Aldeinha e pela venda de terrenos pelos Terena proprietários. Contudo, o terceiro processo está em curso, pois a aldeia Aldeinha ainda não foi homologada enquanto Terra Indígena pelo Estado brasileiro. (PIRES, 2015, p. 77).

Ainda segundo Pires (2015) diferentemente da maioria dos processos de territorialização dos povos indígenas, onde se dá por meio do reservamento de terras federais, sob o controle do Estado Nacional, o processo de formação da Aldeia Aldeinha deu-se a partir da compra de uma área de 32 hectares, por uma família que não conseguiu manter em seu domínio essas terras. A partir da década de 1980, parte

das famílias da comunidade funda a Aldeia Aldeinha, que se ocupou de quatro hectares de totalidade.

Concluimos então que a fundação da comunidade de Aldeinha se deu por conta dos indígenas vindos da região do Buriti e os que pertenciam a outras reservas que foram atraídos pela religião o “protestantismo”, e os que formaram a aldeia Aldeinha, através de novas famílias ou troncos e os que tinham algum tipo de parentela dentro da aldeia, que de certa forma tinha uma ligação com os primeiros indígenas que aqui chegaram vindos da região do Buriti como podemos observar:

O Tronco líder da comunidade de Aldeinha foi a família Jorge Delgado da Silva, primeiro com Umbelina Jorge, que foi substituída pelo filho Neco. Interessante é que quando a aldeia Aldeinha se forma, os filhos de Neco se tornam seus primeiros capitães, o que configura a liderança da família Delgado da Silva. Posteriormente, a família de Pedro Jorge assume a liderança de aldeia Aldeinha, após afastar os de fora do Conselho Tribal. Depois seguem outros líderes moradores da aldeia. O movimento é dos agregados pedirem para habitar a aldeia, principalmente aqueles que continuam deixando as Reservas e que têm parentes na aldeia. (PIRES, 2015, p. 74).

Nesse sentido, a busca pelo reconhecimento da Aldeinha como Terra Indígena permanece entre os Terena, como veremos mais adiante nessa pesquisa.

Considerações Finais

Após apresentar as atividades desenvolvidas pelos Terena que chegaram em Aldeinha e ao longo desse tempo lutaram para permanecer e garantir os seus direitos, entre eles o processo de formação e criação da aldeia, analisamos também as mudanças que vivenciaram ao longo desse período em aldeia Aldeinha.

Entre as diferenças mais acentuadas por meio das informações obtidas pelas entrevistas que foram realizadas com as suas lideranças e com os mais velhos da aldeia, destacam-se que a formação da comunidade de Aldeinha se deu com a chegada da família Jorge Delgado da Silva na década de 1930, e a criação da aldeia Aldeinha aconteceu em um outro período, havendo uma necessidade de reconhecimento como território indígena. O que houve foi a preocupação por parte dos proprietários em permanecer em um território onde poderiam exercer o seu novo

credo religioso o “protestantismo”, e foi assim que os demais indígenas agregados permaneceram nas terras que lhes eram vendidas ou doadas por consanguinidade, mas sem as escrituras com isso resolveram buscar o reconhecimento como território indígena para assegurar os seus direitos como aldeia.

Concluimos então que a fundação da comunidade de Aldeinha se deu por conta dos indígenas vindo do Buriti e os que pertenciam a outras reservas que foram atraídos pela nação o “protestantismo”, e os que formaram a aldeia Aldeinha, através de novas famílias ou troncos e os que tinham algum tipo de parentela dentro da aldeia, que de certa forma tinha uma ligação os primeiros indígenas que aqui chegaram vindos da região do Buriti.

Dessa maneira as informações adquiridas por meio das entrevistas realizadas com os Terena na aldeia Aldeinha, nos permitiram contribuir um pouco mais com a história dos Terena. Ainda existem muitas coisas para serem registradas acerca de sua história, porém, como em um trabalho de pesquisa não é possível registrar tudo, encerramos aqui nossas informações, esperamos que esse trabalho inspire novas pesquisas sobre a aldeia.

Referências

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

JOUTARD, Philippe. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos & abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.43-62

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna**. Rio de Janeiro: LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S. A., 1976.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **Uma aldeia Terena urbana: Aldeinha**. 1994. (Monografia orientada pela prof^o Mestre Cláudio Alves de Vasconcelos). Centro Universitário de Aquidauana/FUFMS. Aquidauana.1994.

SOUZA, Sandra Cristina de. **ALDEINHA: Mas onde é mesmo a aldeia? Organização Social e Territorialidade**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PIRES, Edmundo. **A história de Aldeinha no município de Anastácio Mato Grosso do Sul e sua inserção no processo de territorialização Terena (1932-2014)**. 2015. Dissertação (Mestre em História) Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados- MS.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998. **Fontes orais**

Entrevista realizada com a índia Terena Felicina Paulo, filha do índio Néco, moradora do entorno da aldeia Aldeinha, em 18/03/2016, concedida para Reinaldo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Antônio Nimbú, na aldeia Aldeinha, em 27/06/2014. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Antônio Nimbú, na aldeia Aldeinha, em 27/06/2014. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Isaias Delgado da Silva, na aldeia Aldeinha, em 30/03/2016. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Dirce Nimbú, na aldeia Aldeinha, em 14/03/2015. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Arildo Fraça, na aldeia Aldeinha, em 16/03/2016. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com a índia Terena Dóris Paulo Ortiz, na aldeia Aldeinha, em 15/03/2016. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Entrevista realizada com o índio Terena Daniel Jorge da Silva, na aldeia Aldeinha, em 08/03/2016. Concedida para Reinaldo Paulo Rohdt. Depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

Recebido: 05/09/2021
Aprovado: 30/08/2022
Publicado: 01/01/2023